

A AGÊNCIA DAS ESTATUETAS DE SERÁPIS: investigando a expressão religiosa na cultura material do Egito sob dominação greco-romana

Danillo Melo da Fonseca

RESUMO:

Este artigo analisa as estatuetas de Serápis à luz da teoria do emaranhamento de Ian Hodder, que explora a relação dinâmica entre objetos materiais e seres humanos. Hodder propõe que os objetos, como as estatuetas de Serápis, possuem uma agência própria, influenciando e sendo influenciados pelas interações sociais e culturais. As estatuetas, representando uma divindade egípcia e grega, eram usadas em rituais domésticos, especialmente em altares privados, refletindo a importância da religião na vida cotidiana.

PALAVRAS-CHAVE: Agência. Cultura Material. Egito Greco-Romano. Serápis. Terracota.

THE AGENCY OF SERAPIS STATUES: the agency of serapis figurines:
investigating religious expression in the material culture of Egypt under
greco-roman domination

ABSTRACT:

This article analyzes the statuettes of Serapis through Ian Hodder's theory of entanglement, which explores the dynamic relationship between material objects and humans. Hodder suggests that objects, like the Serapis statuettes, possess their own agency, influencing and being influenced by social and cultural interactions. The statuettes, representing an Egyptian and Greek deity, were used in domestic rituals, particularly on private altars, reflecting the importance of religion in daily life.

KEYWORDS: Agency. Greco-Roman Egypt. Material Culture. Serapis. Terracotta.

Introdução

Durante o século VII a.C., quando colonos militares gregos se depararam com os cultos egípcios, eles mostraram um interesse especial por rituais que poderiam ser facilmente conectados às suas próprias práticas religiosas (BOMMAS, 2012, p. 422). O deus Ápis, uma divindade venerada em todo o Egito, tinha um centro de culto em Mênfis, a antiga capital. Representado como um touro e associado à realeza e ao poder, o culto de Ápis focava em um touro sagrado. Enterros desses touros já são registrados no reinado de Amenhotep III, e galerias subterrâneas para esses enterros começaram a ser construídas durante o reinado de Ramessés II em Saqqara.

O *Serapeum* de Mênfis foi erguido na 26ª dinastia, e, na 30ª dinastia, 134 esfinges adornavam a via processional do *Serapeum*. Em lugares como esse, os colonos gregos podiam ter seus sonhos interpretados e o futuro previsto nos templos dedicados à divindade conjunta Ápis-Osíris, seja por crianças, sacerdotes ou intérpretes profissionais. Segundo Martin Bommas (2012, p. 422), essa prática abriu caminho para um novo deus: a palavra egípcia para “predizer” é “ser”; assim, Ser-Ápis é um “Ápis preditivo”, apesar das interpretações gregas posteriores como Osor-Hapi, Osirápis ou Osíris-Ápis. Embora o desenvolvimento posterior de Serápis além desses oráculos do Período Tardio seja incerto, é provável que os primeiros Ptolomeus tenham visto Serápis como uma fonte ideal para criar um deus dinástico com raízes gregas.

Devido à presença marcante de Ísis em Alexandria, especialmente nas áreas portuárias e em Racótis, onde havia uma grande concentração de egípcios, uma das conquistas teológicas significativas da época foi estabelecer Serápis como o consorte de Ísis (BOMMAS, 2012, p. 422). Essa união criou uma díade que combinava elementos egípcios e gregos. Serápis, sendo uma divindade sem um mito próprio, se mostrou o parceiro ideal para Ísis, intensificando sua transformação de uma deusa

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

egípcia para uma deusa com atributos gregos. Ambos foram adorados no *Serapeum* de Alexandria, e foi a partir dessa cidade que o culto de Ísis e Serápis se difundiu para o Egeu nos séculos IV-III a.C.

A alegada *criação* de Serápis é um dos eventos mais intrigantes, enigmáticos e disputados da história religiosa do Egito tardio. Desde cedo, essa história foi envolvida por lendas, o que resultou em diferentes versões oferecidas pelos autores antigos. A mais amplamente aceita é a relatada por Tácito e Plutarco. Segundo eles, em um sonho, um deus, identificado como Júpiter do submundo (Iovis Ditis) por Tácito ou Plutão por Plutarco, ordena a Ptolomeu I que recupere sua estátua em Sínope, no Mar Negro, e a leve para Alexandria.

A representação física de Serápis é inspirada nas divindades gregas, como Zeus, Asclépio, Hades e Hélios. Ele é geralmente retratado como um homem maduro, com barba e longos cabelos encaracolados, vestindo um *chiton* e com um *kálathos* na cabeça. Como senhor do submundo, ele aparece sentado, segurando um cetro, com o cão tricéfalo Cérbero ao seu lado, simbolizando seus atributos ctônicos.

Neste estudo, investigaremos as estatuetas de Serápis como uma chave para entender as transformações dessa divindade e seu culto ao longo do tempo. Nosso foco será explorar como as características dessa figura divina e suas práticas rituais foram moldadas e reinterpretadas através de um profundo intercâmbio cultural entre as civilizações egípcia, grega e romana, especialmente nos períodos ptolomaico e romano. Utilizando a teoria do emaranhamento, desenvolvida por Ian Hodder (2012), analisaremos as dinâmicas complexas de interação e adaptação que envolveram Serápis, destacando como ele surgiu em um contexto multicultural e o impacto das expressões culturais materiais que o representavam.

Terracotas no Contexto Egípcio

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

O termo “terracota” abrange uma ampla gama de artefatos feitos de argila, com exceção dos vasos cerâmicos, tais artefatos incluem uma variedade de objetos, como estátuas, estatuetas, componentes arquitetônicos, cachimbos, sarcófagos, selos, lamparinas e similares. De outra forma, o conceito de “artes coroplásticas” nos transporta à imagem do artesão grego, conhecido como *κοροπλαστής* (coroplasta) (ERLICH, 2015, p. 1). A confecção de peças em terracota exigia a obtenção de argila de excelência, essencial para preservar a integridade dos artefatos pós-queima e evitar imperfeições. Para mitigar a contração excessiva e prevenir rachaduras no produto final, a argila era comumente mesclada com areia e fragmentos minerais. Na Grécia Antiga, a argila era facilmente encontrada, com a maioria das comunidades mantendo seus próprios depósitos para a extração e produção de peças em terracota. Esse detalhe adquire relevância arqueológica, permitindo frequentemente a identificação da origem geográfica das obras (HIGGINS, 1963, p. 10).

Assim como as terracotas gregas, as egípcias também eram produzidas a partir de um molde negativo, conhecido como matriz, que era moldado a partir de um protótipo em forma de mão, chamado de *patrix*. Uma característica marcante das terracotas egípcias é a prática de esculpir apenas a parte frontal utilizando um molde, enquanto a parte traseira é moldada parcialmente à mão, resultando em uma superfície curva e lisa. Isso cria frequentemente figuras de barro com uma estética que combina elementos em alto e baixo relevo. Antes da queima, a parte frontal e traseira eram unidas, com as bordas sendo seladas com argila. Para figuras mais complexas, partes individuais eram criadas em diferentes moldes, cada uma com sua forma distinta.

No contexto greco-egípcio, muitas terracotas apresentam uma peculiaridade distintiva: um orifício circular que é frequentemente interpretado como um local de saída para a umidade durante a secagem da argila. No entanto, em várias estatuetas com esse orifício, a base também está aberta, o que tornaria uma segunda abertura redundante. É possível que esse orifício tivesse outra função, como fixar a estatueta

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

em uma posição específica. Semelhante a molduras contemporâneas, essas estatuetas poderiam ser exibidas em superfícies planas ou penduradas em paredes. Após a queima, as figuras eram geralmente cobertas na frente com um revestimento branco e posteriormente pintadas. No entanto, as cores e o revestimento muitas vezes sobrevivem apenas em fragmentos pequenos e fragmentados (SANDRI, 2012, p. 631).

A técnica de produção tinha origens gregas, porém o estilo das terracotas podia seguir tanto os padrões gregos quanto os egípcios. No entanto, distinguir claramente entre esses dois estilos é um ato complexo, especialmente em um contexto de produção multicultural. Isso resultava em uma produção contínua de diferentes estilos e, por vezes, na combinação de ambas as técnicas em uma única peça. De acordo com Vasques (2000, p. 53), é raro encontrar representações puramente gregas ou egípcias, sendo mais comum encontrar um estilo misto que incorpora a técnica grega enquanto mantém o modo de representação egípcio.

Em Alexandria, a produção de terracotas seguia uma técnica de moldes, advindo a partir de modelos gregos de confecção do final do século IV a.C. Contudo, mesmo nessa época inicial, já se faziam sentir influências egípcias na cultura material. Nas pesquisas iniciais sobre as terracotas, uma distinção era feita entre as produzidas em Alexandria e aquelas provenientes de Fayum, estas últimas evidenciando traços egípcios de forma mais marcante. De maneira geral, há consenso de que as terracotas de Alexandria se inspiravam nas de Tanagra, como mencionado anteriormente, enquanto as peças originárias da região rural do Egito adotavam um padrão mais diversificado, com maior destaque para as divindades egípcias. Segundo Torok (*apud* VASQUES, 2000, p. 53), a tentativa de diferenciar as peças de terracota com base em análises mineralógicas e químicas da argila pode ser sujeita a equívocos. Atribuir as terracotas de cor marrom-avermelhada ao Fayum e as de argila mais fina a Alexandria é uma proposição arriscada.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A Agência das Terracotas de Serápis

No livro *Entangled*, publicado em 2012, Ian Hodder propõe uma análise das interações entre seres humanos e objetos do mundo. Em contraste com a visão convencional que relega os objetos à condição de meros instrumentos das atividades humanas, sujeitos à sua construção, manipulação e eventual descarte, Hodder propõe uma abordagem disruptiva. Ele direciona seu foco para os próprios objetos, reconhecendo sua autonomia e influência no mundo.

Essa revolução de perspectiva desafia os paradigmas estabelecidos que priorizam exclusivamente os aspectos humanos e sociais, instigando-nos a contemplar os objetos em sua essência. Ao desafiar a premissa de que a pesquisa deve se restringir ao uso humano dos objetos, Hodder busca abrir novos horizontes para a compreensão das complexas relações entre seres humanos e o mundo material. Mas, afinal, por que *coisa*? O termo *coisa* é notável por sua abrangência. Dentro desse contexto, focamos nos aspectos mais fundamentais das entidades, sublinhando que elas continuam existindo como unidades concretas e claramente definidas. Palavras, ideias, estruturas sociais, acontecimentos e materiais compartilham a característica de, em determinados momentos, existirem como entidades distintas de alguma maneira, projetando sua presença ou duração dentro dos fluxos contínuos de matéria, energia e informação. A única razão pela qual as reconhecemos como *coisas* é devido à sua persistência e presença distintivas.

A concepção de emaranhamento proposta por Hodder é caracterizada por uma relação dialética de dependência, que engloba tanto a ligação quanto a subordinação. Esta dinâmica de interdependência se manifesta nas interações entre Humanos e Coisas (HC), entre Humanos e Humanos (HH), entre Coisas e Humanos (CH), e entre Coisas e Coisas (CC). A combinação dessas quatro categorias constitui o conceito de emaranhamento (HODDER, 2012, p. 88).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Conforme essa rede intrincada se torna mais complexa, humanos e coisas se encontram cada vez mais imersos em uma densa teia de interações dialéticas. Em outras palavras, as coisas, conforme as utilizamos, têm uma capacidade limitada de se auto-regenerar. Nesta interdependência, ficamos presos na teia, na qual as coisas também dependem de nós. A conexão entre humanos e o cuidado que dispensam às coisas é semelhante a uma teia que os envolve. A complexidade inicial se origina da total dependência dos seres humanos em relação às coisas, e essa interdependência se intensifica ainda mais pelo fato de que as coisas também necessitam umas das outras para funcionar.

Além do conceito de emaranhamento, Hodder introduz a ideia de aprisionamento, que se refere à condição de ficar preso em uma armadilha. Esta situação se manifesta nas criações humanas ao longo da história, resultando em um processo cumulativo que eventualmente deixa o ser humano encurralado por suas próprias invenções. A transição do emaranhamento para o aprisionamento ocorre quando a interação entre humanos e coisas condiciona irreversivelmente os primeiros, gerando irreversibilidades tanto práticas quanto mentais. Isso significa que, ao alcançar certo estágio, é impossível retroceder. Hodder (2012, p. 88-89) argumenta que a dependência entre humanos e coisas está constantemente sujeita a tensões originadas por limitações e restrições. Conforme os humanos e as coisas enfrentam barreiras variadas, como a disponibilidade de recursos e as possibilidades materiais e sociais, essas limitações são desafiadas por uma necessidade crescente, o que intensifica a interdependência e o envolvimento. Portanto, o emaranhamento pode ser visto como uma dinâmica dialética entre a conexão e a subordinação.

A ideia de emaranhamento difere de abordagens como materialismo, determinismo ecológico e reducionismo biológico. Hodder (2012, p. 97) argumenta que as mudanças e limitações na sociedade humana não surgem dos fatos materiais em si, mas sim das interdependências entre humanos e coisas. No entanto, ele adverte que é crucial ter cuidado, pois os objetos materiais e os ecossistemas podem

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

influenciar ou perturbar os emaranhados, assim como as ações intencionais dos seres humanos. A influência dessas variáveis na transformação dos emaranhados não depende apenas dos materiais ou das intenções, mas da configuração e da tensão inerente a esses emaranhados.

Relacionando a teoria do emaranhamento de Hodder às representações materiais de Serápis, percebe-se a complexidade das interações entre humanos e artefatos religiosos. Esta análise evidencia quatro dimensões interligadas: de qual forma os Humanos dependem das Coisas (HC), os Humanos dependem dos Humanos (HH), as Coisas dependem das Coisas (CC) e as Coisas dependem dos Humanos (CH) (Hodder, 2012, p. 88).

A partir disso, daremos ênfase à dimensão da dependência humana das coisas e de humanos com humanos. Analisando o uso de lamparinas e tochas como exemplos dessa relação. A interação humana com essas fontes de luz vai além da simples necessidade de iluminação noturna. Elas não apenas proporcionam visibilidade, mas também desempenham um papel crucial nas práticas religiosas e na simbologia cultural. Por exemplo, a representação de Zeus-Serápis na lamparina de terracota (figura 1) não contribui para sua eficácia em iluminar, mas destaca seu significado mágico e simbólico, refletindo a dependência humana das coisas para expressar crenças e valores.

Além disso, a presença das lamparinas em rituais religiosos funciona como um vínculo entre o mundo físico e o espiritual, criando uma atmosfera que vai além da mera iluminação de um espaço. Isso influencia as experiências humanas em níveis simbólicos e espirituais mais profundos. A coexistência da necessidade prática de luz com a carga simbólica e espiritual das lamparinas revela a complexidade da relação dos seres humanos com essas *coisas* que têm a função de iluminar.

Figura 1 - Lamparina de Serápis com uma águia no centro.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade



Lamparina de Serápis com uma Águia. Uma lamparina de cerâmica moldada apresenta decoração no disco com o busto de Zeus-Serápis. Inventário: 1980,1008.16. Referência: BRITISH MUSEUM. **Collection online**. London: [s.d.]. Disponível em: <https://www.britishmuseum.org/collection/object/G_1980-1008-16> Acesso em: 04/08/2023.

Quanto à dependência entre humanos, o ato de colocar estatuetas de Serápis, uma divindade ctônica, nas tumbas de entes queridos ou como oferendas em templos, evidencia uma complexa rede de interdependência na prática religiosa do Egito greco-romano. Neste contexto, essas estatuetas não apenas simbolizam uma conexão espiritual com a divindade, mas também ressaltam a intensa interdependência entre os indivíduos. A prática de tais oferendas mostra que os humanos dependiam profundamente uns dos outros para manter tradições, expressar devoção e buscar consolo espiritual em tempos de luto e reverência.

Ao optarem por depositar tais estatuetas, as pessoas reconhecem a relevância das conexões humanas na busca por proteção divina ou ao expressar gratidão por bênçãos recebidas. A prática de dedicar uma estatueta de Serápis à memória de um ente querido, seja na tumba ou como oferenda, demonstra a crença de que os laços

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

interpessoais ultrapassam a existência terrena, integrando-se com elementos espirituais e estabelecendo um vínculo com a divindade. Isso reflete uma visão de mundo onde as relações humanas e o divino estão profundamente interligados, evidenciando a dependência mútua entre indivíduos na manutenção de práticas religiosas e culturais.

Dentro desse contexto, é importante destacar a raiz etimológica da palavra religião, que deriva do latim *religare*. Considerando Serápis como um ponto de referência, fica claro que a religião tem a função primordial de conectar os seres humanos com as divindades. Essa conexão é mediada por práticas como orações, oferendas votivas, sacrifícios, entre outras. Do lado humano, a devoção é expressa por meio de atos religiosos, enquanto do lado divino, espera-se receber proteção, bênçãos e conforto diante das incertezas da vida.

Ao depositar estatuetas como oferendas em templos, os fiéis manifestam sua gratidão pelas intervenções divinas em suas vidas. Essa prática revela uma compreensão sofisticada da espiritualidade, onde a relação entre humanos e divindades é bidirecional. Não se trata apenas de um pedido unilateral de favores, mas de uma interação dinâmica e recíproca. Os humanos buscam apoio e proteção através desses atos, enquanto reconhecem e agradecem a intervenção divina, refletindo uma interdependência profunda nas práticas religiosas.

Conclusão

Neste estudo, investigamos as práticas religiosas ligadas ao culto de Serápis no contexto do Egito greco-romano, utilizando artefatos de terracota como uma chave de investigação. Este trabalho visa aprofundar nossa compreensão ao refinar as questões de pesquisa para explorar como as interações entre pessoas e objetos moldaram e foram moldadas pelo culto a Serápis. Nosso enfoque teórico centraliza-se no conceito de *emaranhamento*, conforme delineado por Hodder (2012),

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

destacando as dinâmicas complexas de intercâmbio e influência mútua entre cultura material e práticas religiosas.

Além disso, ao explorarmos meticulosamente o uso de artefatos de terracota como uma importante fonte de pesquisa, abrimos novas perspectivas para uma compreensão profunda das práticas de culto associadas a Serápis entre os egípcios durante os séculos III a.C. até o IV d.C. A acessibilidade desses artefatos, devido à sua facilidade de produção e baixo custo, não apenas os tornou amplamente disponíveis para diversas camadas da sociedade, mas também desempenhou um papel crucial na disseminação e na prática cotidiana do culto de Serápis.

As estatuetas de terracota descobertas no contexto do Egito greco-romano desempenham um papel crucial na religião popular, influenciadas por diversos fatores, com destaque para a sua acessibilidade econômica. Comparadas às esculturas elaboradas em materiais nobres como bronze ou mármore, as estatuetas de terracota eram muito mais acessíveis às camadas populares da sociedade, ampliando significativamente a expressão religiosa para um público mais abrangente. A capacidade de produção em larga escala dessas estatuetas, facilitada pelo uso do terracota, atendia às crescentes demandas das práticas religiosas populares, proporcionando uma ampla gama de representações divinas e religiosas que eram acessíveis e reconhecíveis por um público diversificado.

REFERÊNCIAS

- BOMMAS, Martin. Isis, Osiris, and Serapis. In: RIGGS, Christina. **The Oxford Handbook of Roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- BURN, L. Terracottas. In: Smith, T; Plantzos, D. **A Companion To Greek Art**. Volume I. Blackwell, 2012. ISBN 978-1-4051-8604-9.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

CLÍMACO, J. C. O estabelecimento do culto híbrido ao deus Serápis na Alexandria Ptolomaica: conjuntura, motivações e debates. **Revista Diálogos Mediterrânicos**, (18), 4–23. 2020.

DIODORUS OF SICILY. **Diodorus of Sicily In Twelve Volumes**. Vol. I. Books I and II, 1-34. Cambridge: Harvard University Press, 1933.

DUNAND, F. **Catalogue des terres cuites gréco-romaines d'Égypte**. Musée du Louvre. Paris: Réunion des musées nationaux, 1990.

DUNAND, F. **Religion populaire en Égypte romaine: les terres cuites isiaques du Musée du Caire**. Leiden: E. J. Brill, 1979.

DUNAND, F.; ZIVIE-COCHE, C. **Dieux et hommes en Égypte – 3000 av. J.-C.-395 apr. J.-C.** Paris: Armand Colin, 1991.

ERLICH, Adi. Terracottas. In: FRIEDLAND, E. A.; SOBOCINSKI, M. G.; GAZDA, E. K. (Eds.). **The Oxford Handbook of Roman Sculpture**. Oxford University Press, 2015.

FELTON, D. The Dead. In: **A Companion to Greek Religion**. Malden, MA: Blackwell, 2007.

FLEMING, Maria Isabel D'Agostino. (org.). **Perspectivas da arqueologia provincial romana no Brasil: pesquisas do LARP**. São Paulo: UNICAMP/ANNABLUME, 2016.

FRANKFURTER, D. **Religion in roman Egypt: Assimilation and Resistance**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

FRASER, P. M. **Ptolemaic Alexandria**. I - Text. Oxford: Clarendon Press, 1972.

FREITAS, A. P. S. **As Estatuetas de Estilo Tanagra e a Grécia Helenística: interações e significados**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2021.

HÉRODOTE. **Histoires**. Livre II. Paris: Les Belles Lettres, 1944.

HERÓDOTO. **Histórias**. Livro II. São Paulo: Edipro, 2016.

HIGGINS, R. A. **Greek Terracotta Figures**. London: British Museum, 1963.

HODDER, Ian. **Entangled**. An Archaeology of the Relationships between Humans and Things. Malden: Wiley-Blackwell, 2012.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

PLUTARCO. **Obras morales y de costumbres (Moralia)**. VI. Isis y Osiris. Diálogos Píticos. Trad. Francisca Pordomingo Pardo e José Antonio Fernández Delgado. Madrid: Gredos, 1995.

SANDRI, S. Terracottas. In: C. Riggs (Ed.), **The Oxford handbook of roman Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2012. pp. 630-647.

STAMBAUGH, John E. **Sarapis Under The Early Ptolemies**. Leiden: E. J. Brill: 1972.

TÁCITO. **Libro de Las Historias**. Institución Fernando El Católico: Zaragoza, 2015.

VASQUES, M. S. **A religião isíaca no Egito greco-romano**: as estatuetas de terracota. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.